

Oito carros em rota de colisão.
O destino de oito pessoas nas suas mãos.
Quem deverá sobreviver?

Um thriller
futurista
carregado de
adrenalina!



OS PASSAGEIROS

JOHN MARRS
MAIS DE UM MILHÃO DE LIVROS VENDIDOS

TOP
SEL
LER

CAPÍTULO 1

Notas



1. Programar automóvel para o escritório do Ben.
2. Utilizar a aplicação da Uber para veículo com uma conta «convidado». Não utilizar o nome verdadeiro.
3. Ser apanhada no parque de estacionamento do Ben, ir para o emprego.
4. Começar a enviar mensagens escritas ao Ben a meio da manhã.
5. Telefonar para o chefe dele mais ou menos a meio do dia.

CLAIRE ARDEN

Quando a porta da frente se fechou, o automóvel estava estacionado em frente da casa de Claire, à espera dela.

Demorou-se no interior do alpendre, relendo as notas que tinha tomado no seu telemóvel, até ouvir o ténue bip-bip-bip do alarme, enquanto a casa se protegia a si mesma. Olhou furtivamente para aquele condomínio suburbano, um de vários semelhantes em Peterborough. Sundraj, do número 27, era o único vizinho no exterior, conduzindo a jovem família ruidosa, composta por quatro elementos, para uma carrinha de passageiros, como se fosse um agricultor a tentar conduzir as ovelhas de um campo para outro. Quando a viu, esboçou-lhe um meio sorriso e um aceno também hesitante. Ela retribuiu, fazendo o mesmo.

Claire recordou o décimo quinto aniversário de casamento de Sundraj e da sua mulher, Siobhan, na última primavera. Tinham celebrado com um churrasco e com a presença da maioria das pessoas da rua. Ele conseguira encurralá-la na casa de banho do rés do chão e sugerira que, se ela e o seu marido, Ben, alguma vez quisessem incluir uma terceira pessoa no quarto, que ele estava aberto a convites. Claire recusou, educadamente, e ele entrou em pânico, pedindo-lhe que nada contasse a Siobhan. Ela prometeu não o fazer e estava a ser sincera. Nem sequer disse a Ben. Claire estava disposta a apostar que, naquela rua, todos tinham pelo menos um segredo que mantinham escondido do resto do mundo, incluindo ela. *Especialmente* ela.

Enquanto o veículo de Sundraj saía do beco, Claire respirou fundo e calmamente algumas vezes e olhou fixa e desconfortavelmente para o seu próprio automóvel. Tinham-se passado já três semanas desde que Ben assinara o contrato de aluguer e ela estava a ter dificuldade em habituar-se às suas muitas funções novas. A maior diferença entre este e o seu último veículo consistia no facto de este já não ter volante, pedais ou uma opção de condução manual. Era absolutamente autónomo e isso assustava-a.

Tinham assistido, fascinados, à chegada do carro, que se entregara a si mesmo na casa deles e se estacionara no caminho de acesso. Sentindo tanto o desconforto como a relutância de Claire, Ben garantiu-lhe que qualquer pessoa podia manejá-lo, até mesmo ela, e que era à «prova de idiotas». Enquanto personalizavam as configurações a partir de uma aplicação, Claire respondeu com um semicerrar de olhos e uma cotovelada no braço dele. Ele protestou, afirmando que não queria com isso dizer que ela era a idiota em causa.

— Não gosto de não ter controlo — disse-lhe ela, na viagem inaugural ao consultório do médico. Tinha-se agarrado ao banco quando, por vontade própria, o automóvel fez pisca e ultrapassou um outro veículo.

— Isso é por seres controladora — respondeu. — Tens de aprender a começar a confiar em coisas que não são da tua responsabilidade. Além disso, o seguro é uma ninharia e temos de começar a poupar dinheiro, não temos?

Claire assentiu relutantemente. Sendo um homem que prestava atenção a todos os pormenores, Ben despendera tempo e esforço consideráveis a pesquisar um veículo que se adequasse às suas novas circunstâncias. E, após alguns meses infernais, ela ficou satisfeita por vê-lo a regressar de novo a si. Ele tentou envolvê-la no processo, sugerindo que ela escolhesse a cor da pintura e o estofado dos assentos. Mas ela recusou-se, acusando-o de ser misógino por sugerir que comprar o automóvel era «função do homem» e que a estética era tudo o que ela conseguiria compreender. Nos últimos dias, Claire dera consigo a gritar frequentemente com ele. Nunca era por culpa dele e arrendia-se de imediato. Mas isso não evitava que o repetisse e receava que o ressentimento silencioso que sentia por ele estivesse a vir cada vez mais à superfície.

A traseira do automóvel prendeu, momentaneamente, o olhar de Claire antes de um coice nos rins a afastar dos seus pensamentos.

— Bom dia — sussurrou ela, passando a mão pelo seu abdómen inchado e redondo. Era a primeira vez que o bebé Tate fazia sentir a sua presença naquela manhã. Tinham-lhe atribuído a alcunha depois de a parteira os informar de que ele pesava perto de 450 gramas, a mesma dimensão do pacote de açúcar da Tate & Lyle. Contudo, o que começara como uma piada pegara e estavam a considerar seriamente o nome.

Se tudo corresse como planeado, dentro de dois meses, Claire seria mãe pela primeira vez. O Dr. Barraclough avisara-a de que, com a sua tensão arterial elevada, seria fundamental manter uma vida livre de stress. Era mais fácil de dizer do que de fazer. E, nas últimas horas, tornara-se impossível.

— Tu consegues — disse ela, em voz alta, ao mesmo tempo que abria a porta do carro. Claire pousou a mala no lugar da frente do

lado direito e baixou-se para entrar no veículo, traseiro primeiro. A sua barriga de grávida tinha começado a destacar-se muito mais cedo do que a das suas amigas quando estavam grávidas e, por vezes, sentia que transportava um elefante bebé. O seu corpo estava constantemente a contradizer-se — algumas partes cediam enquanto outras pareciam estar prestes a rebentar.

Carregou num botão para fechar a porta do automóvel e virou-se para o leitor de retina. Olhando rapidamente para o seu aspeto, Claire reparou que os seus olhos azuis estavam rodeados por uma tonalidade rosa esbranquiçada e os círculos escuros à sua volta ainda eram visíveis sob a base que colocara. Não esticara a franja loira nessa manhã, pelo que esta pendia frouxamente, assentando-lhe sobre as sobrancelhas.

A partir do momento em que o *scan* confirmou que Claire era um passageiro registado, o motor elétrico encheu-se silenciosamente de vida e a consola central do painel de instrumentos e o sistema operativo iluminaram-se de azul e branco.

— Emprego do Ben — disse ela, e no ecrã surgiu um mapa tridimensional com o caminho de sua casa até ao escritório dele, a vários quilómetros da cidade.

No momento em que o automóvel começou a mover-se, Claire sobressaltou-se quando uma *playlist* de baladas de *rock* dos anos de 1990 jorrou inesperadamente das colunas. Detestava o gosto musical aterrador de Ben e o volume a que ele ouvia música. Mas ainda tinha de descobrir como desligar o sistema *streaming* dele e criar *playlists* de música sua. Depois, quando começou a tocar a abertura de uma música antiga dos Arctic Monkeys de que Ben tanto gostava, não conseguiu conter as lágrimas. Ele conhecia a letra de cor.

— Porque nos fizeste isto? — chorou ela. — Porquê agora?

Claire limpou os olhos e as bochechas com a palma da mão, desligou a música e permaneceu num silêncio apreensivo enquanto o automóvel prosseguia a sua viagem. Voltou a percorrer a lista de coisas a fazer; tinha tantas tarefas para realizar até à parte da tarde para

que aquilo funcionasse. Continuava a repetir a si mesma que tudo o que estava a fazer era pelos motivos certos; era tudo por Tate. E, por muito que ansiasse conhecê-lo, uma pequena parte de si queria que ele ficasse dentro de si para sempre, para que pudesse continuar a protegê-lo da crueldade do mundo.

Olhou para o exterior pelo para-brisas no preciso momento em que, inesperadamente, virava à direita em vez de virar à esquerda, seguindo na direção oposta à do escritório de Ben, nos arredores de Peterborough. Claire olhou de relance para a rota no sistema de navegação, com a certeza de que o programara corretamente. Depois, lembrou-se de que Ben lhe dissera que, por vezes, os veículos sem condutor percorrem trajetos alternativos se souberem antecipadamente que existem problemas mais à frente. Esperou que o desvio não acrescentasse muito mais tempo à viagem. Quanto mais cedo conseguisse sair daquele automóvel, melhor.

De repente, a consola apagou-se. Claire hesitou, depois tocou-lhe, carregando em ícones aleatórios e procurando um modo de a reiniciar. Não fez qualquer diferença.

— Raios — murmurou. De todos os dias, aquele não era o ideal para se encontrar no interior de um veículo defeituoso. O automóvel selecionou outro trajeto, desta vez, viajando ao longo de uma entrada para a via de acesso a uma autoestrada que ela sabia que a levaria para ainda mais longe do seu destino.

Começou a sentir-se desconfortável.

— O que se está a passar? — perguntou ela e amaldiçoou a decisão de Ben de convencê-la a entrar num automóvel sem um modo de condução manual. Tocou em mais botões, na esperança de que acontecesse algo que lhe permitisse retomar o controlo e fizesse com que o automóvel encostasse.

— *Destino alternativo a ser programado* — foi dito calmamente por uma voz feminina que Claire reconheceu como sendo a do sistema operativo do veículo. — *Rota a ser recalculada. Duas horas e trinta minutos até chegar ao destino selecionado.*

— O quê? — replicou Claire. — Não! Para onde vais?

Quando o automóvel parou num semáforo, viu a oportunidade para sair. Rapidamente, soltou o cinto de segurança e carregou no botão para abrir a porta. Uma vez no exterior, recompôs-se e repensaria o plano. Sabia que, fosse qual fosse a alternativa que encontrasse, não podia deixar o automóvel sem supervisão, em circunstância alguma. No entanto, a porta não se abriu. Carregou no botão, repetidamente, cada vez com mais força, mas a porta não se movia. O seu bebé deu outro pontapé.

— Vai correr tudo bem, vai correr tudo bem — repetiu ela, tentando convencê-los aos dois de que encontraria um modo de sair.

A cabeça de Claire voltou-se para o automóvel que se encontrava ao lado do dela no semáforo e acenou com ambas as mãos para chamar a atenção do condutor. Mas ele estava demasiado distraído com um filme que passava no seu para-brisas inteligente. O seu aceno tornou-se cada vez mais desesperado, até que, finalmente, conseguiu atrair a sua atenção. Ele voltou a cabeça na direção dela, mas, num piscar de olhos, as suas janelas passaram de transparentes a opacas. O controlo de privacidade fora ativado remotamente, para que ninguém pudesse ver o seu desespero.

O terror apoderou-se dela quando se apercebeu, por fim, do que se estava a passar — havia outra pessoa a controlar o seu automóvel.

— Bom dia, Claire — soou uma voz masculina das colunas do carro.


Ela soltou um grito involuntário. A voz era calma e descontraída, quase amigável, mas decididamente indesejável.

— Já deve ter percebido que o seu veículo já não se encontra sob o seu controlo — prosseguiu. — A partir de agora, sou eu que decido o seu destino.

— Quem é você? — perguntou Claire. — O que é que quer?

— Nada disso interessa agora — respondeu a voz. — A única coisa que tem de saber, neste momento, é que, dentro de duas horas e meia, é muito provável que esteja morta.

CAPÍTULO 2

 ROUTE MASTER 2000

| | |
|-----------------------|---------------------|
| NÚMERO DA PORTA | desconhecido |
| NOME DA RUA | desconhecido |
| CÓDIGO POSTAL | desconhecido |
| DETALHES ALTERNATIVOS | 56.0006°N, 3.3884°O |

JUDE HARRISON

Os olhos de Jude Harrison estavam fixos no carregador que unia a parede à grelha do seu automóvel.

Não sabia ao certo há quanto tempo estava sentado no interior do veículo, olhando fixamente para o ponto de carregamento ou por que razão este atraía a sua atenção. Apercebendo-se de que perdera a noção do tempo, olhou para o relógio no painel de instrumentos. Para não se atrasar, teria de se pôr em movimento em breve. Os seus olhos desviaram-se para a luz da bateria — faltavam dez minutos para atingir o máximo da sua capacidade. A distância que tinha de percorrer não exigia que a bateria estivesse completamente carregada, mas tudo o que ficasse abaixo dos três quartos deixava-o nervoso.

A maioria dos outros veículos no parque de estacionamento do supermercado eram carregados de maneira muito mais inteligente do

que o dele. Mantinham a bateria cheia, em movimento, utilizando carregadores suplementares embutidos no asfalto em semáforos, rotundas, lugares de estacionamento e até em estabelecimentos de *fast food* com *drive-in*. Jude adquirira o seu automóvel sem condutor no início da «revolução rodoviária», fortemente apoiada pelo Governo. De um dia para o outro, deixou de ser um condutor para passar a ser um Passageiro — alguém cujo veículo não tinha comando de condução manual. O automóvel tomava todas as decisões sozinho. Comparado com muitos outros, o seu modelo estava ultrapassado e, em breve, deixaria de descarregar automaticamente os programas que o controlavam, obrigando-o, assim, a adquirir outro. Já lhe tinham oferecido incentivos financeiros para comprar um modelo mais avançado, com mais tecnologia, mas ele recusara. Não fazia sentido gastar dinheiro em algo de que não necessitaria durante muito mais tempo.

A barriga de Jude emitiu um ronco profundo e gutural, que o lembrava de que queria ser alimentada. Sabia que teria de comer para manter os seus níveis de energia elevados e para que pudesse aguentar a manhã. Mas não sentia grande apetite, nem sequer para os petiscos achocolatados que guardava nas bolsas laterais de bagagem nos assentos atrás de si. Saindo do automóvel, entrou no supermercado, mas foi em direção à casa de banho, e não aos corredores de produtos alimentares. Aí, despejou as entranhas na sanita, lavou o rosto e as mãos, e secou-as na máquina fixada na parede. Retirou do bolso uma escova de dentes descartável que tinha uma pasta dentífrica que se transformou em espuma assim que se misturou com a saliva, e começou a lavar os dentes.

A iluminação desagradável refletia-se no seu crânio e realçava o quão fino o seu cabelo começava a ficar em torno das têmporas. Começara recentemente a usá-lo curto, em vez de tentar penteá-lo para disfarçar. Lembrava-se de o seu pai o ter avisado e ao seu irmão quanto à queda de cabelo por volta do seu trigésimo aniversário, e Jude seguia-lhe o exemplo. Os amigos tomavam medicamentos

para manterem o seu cabelo; Jude rejeitava-o juntamente com todas as alterações cosméticas populares. Nem sequer arranjara os dois dentes de baixo, que se inclinavam na direção um do outro, o que significava que sorria sempre com a boca fechada.

Já havia quase uma semana que não se barbeava e isso fazia parecer mais escura a sua tez cor de azeitona. Apesar do cansaço, as córneas permaneciam brilhantes e faziam o verde das suas íris assemelhar-se à cor das maçãs maduras. Colocou as palmas das mãos na t-shirt e seguiu com os dedos o contorno do estômago e das costelas. Tinha consciência do peso que perdera ao longo do último mês e culpava a pressão por tudo o que era necessário organizar para que aquele dia fosse um sucesso.

Olhou para o pulso para saber as horas, esquecendo-se de que já há muito que se livrara do relógio. Reunia pormenores acerca da sua pulsação e temperatura para revelar o metabolismo, a tensão arterial e muitos outros diagnósticos acerca dos quais não queria ser informado. Não precisava de ler os números num ecrã para saber que os seus níveis de stress estavam a aumentar.

Jude regressou ao seu automóvel e, confirmando que a bateria estava agora completamente carregada, desligou o carregador e respirou fundo, uma de muitas vezes, antes de subir a bordo e informar do seu próximo destino o sistema operativo do veículo ativado pela voz.

O automóvel começou a circular pelas estradas suburbanas a não mais do que 40 quilómetros por hora, enquanto Jude se lembrava do quanto gostava de ser ele a controlar um veículo. Tirara a carta de condução aos 17 anos e, na altura, esse parecera-lhe o maior feito do mundo, concedendo-lhe a liberdade por que ansiava. Podia deixar, quando quisesse, os limites da aldeia onde nascera e crescer. Já não dependia dos horários irregulares dos autocarros, dos pais ou do irmão mais velho para obter vislumbres do mundo exterior. Não lhe parecia bem que, agora, crianças de 14 anos fossem Passageiros em veículos plenamente autónomos. Era como se estivessem a fazer batota.

Jude também recordou um tempo em que estradas como aquelas tinham de ser evitadas àquela hora da manhã. Costumavam estar congestionadas em hora de ponta, trânsito engarrafado. Agora, os automóveis deslizavam suavemente pelas ruas, dialogando uns com os outros através de uma rede de sistemas de comunicação interna, para conseguirem reduzir os pontos de estrangulamento e congestionamentos. Por muito que lhe desagradassem aqueles automóveis, existiam alguns benefícios em ser proprietário de um deles.

Grande parte do painel de instrumentos era ocupado por uma coluna e por um grande ecrã interativo OLED através do qual podia controlar tudo, da sua escolha de canal de televisão, ao e-mail, às redes sociais ou a material de leitura. Percorreu a lista até encontrar um ficheiro azul com a etiqueta «Férias em Família». No interior, procurou uma subpasta intitulada «Grécia» e surgiu uma seleção de vídeos. Selecionou o que tinha o título «Restaurante» e pressionou o botão de reprodução.

A imagem de muito alta definição era tão clara que parecia que estava lá, a relaxar na esplanada do restaurante, deitado ao lado de Stephenie e embrulhado numa camisola quente enquanto apreciavam o pôr do sol no vasto horizonte. A câmara girava lentamente da esquerda para a direita, aproximando a imagem da baía crescente e das ilhas desabitadas mais à frente. As poucas nuvens sobre eles estavam iluminadas com azuis e laranjas, mas lançavam sombras sobre as ilhas.

— Consegues ver o barco à distância? — ouviu-a perguntar. — Ali, por trás da ilha. A popa parece estar à espreita.

— Ah, sim, já estou a ver — repetiu Jude, em voz alta e sobre a voz gravada. Conhecia-a de cor e, silenciosamente, também sussurrou a resposta dela.

— Um dia, temos de dar a volta ao mundo num cruzeiro — disse ela. — Depois, podemos passar a nossa reforma a ver o pôr do sol a partir de todos os oceanos e de todos os continentes. O que te parece?

— Perfeito — respondeu Jude. — Simplesmente perfeito. — Só nos últimos anos compreendera que «perfeito» era um conceito impossível.

Fechou o ficheiro e utilizou o ecrã para baixar a temperatura do automóvel. A manhã de primavera estava a revelar-se mais quente do que a previsão meteorológica. Contudo, o visor permanecia teimosamente nos 27 graus.

— Automóvel — começou ele, não tendo personalizado o seu sistema operativo, atribuindo-lhe um nome como a maioria dos proprietários —, ligar ar condicionado.

Nada aconteceu. O veículo obedecia, normalmente, a cada tarefa pedida e a sua voz era a única programada para reconhecimento.

— Automóvel — repetiu, com maior firmeza —, aceita o meu pedido. — Uma vez mais, nada aconteceu.

Amaldiçoou a falha no programa e arregaçou as mangas da camisa. Depois, retirando um teclado sem fios da bolsa lateral da porta, acedeu à rede e começou a redigir um e-mail. Optou por escrever, preferindo os meios antigos, em vez de ditar ou enviar através de gravação.

«Caríssimos», começou, «peço desculpa pela natureza impessoal deste e-mail, mas...»

— Bom dia, Jude.

— Bolas! — gaguejou Jude em voz alta, deixando cair o teclado para a zona dos pés. Olhou à volta no interior do veículo, como se estivesse à espera de encontrar um segundo Passageiro escondido.

— Como está hoje? — prosseguiu a voz.

— Bem... obrigado — respondeu Jude. — Quem está a falar e onde conseguiu o meu número? — Procurou o ícone do telefone no ecrã, mas estava desligado.

— Tem de ouvir com atenção, Jude — continuou calmamente a voz. — Dentro de aproximadamente duas horas e meia, irá morrer.

Jude pestanejou rapidamente.

— O que disse?

— O destino que programou no seu GPS está prestes a ser substituído por uma localização alternativa escolhida por mim.

Os seus olhos saltaram imediatamente para o painel de instrumentos, em cujo ecrã surgiam novas coordenadas.

— A sério, o que se passa? — perguntou Jude. — Quem é você?

— Em breve, saberá mais pormenores, mas por agora, por favor sente-se, relaxe e aproveite esta bela manhã de primavera, pois, provavelmente, será a sua última.

De repente, as janelas de privacidade do automóvel mudaram de transparentes para opacas, o que significava que, do lado de fora, ninguém podia ver que ele estava preso no interior.

CAPÍTULO 3

ESSEX HERALD
&
POST ONLINE

Essex Herald & Post Online

Uma das atrizes mais amadas da Grã-Bretanha tem programada para hoje uma visita a jovens pacientes oncológicos, num hospital em Essex.

Sofia Bradbury, de 78 anos, irá visitar a ala recentemente inaugurada no Hospital Princess Charlotte, para a qual ajudou a angariar milhões de libras durante uma campanha de angariação de fundos que se prolongou por três anos.

SOFIA BRADBURY

— Diz-me para onde tenho de ir, porque não consigo lembrar-me, raios! — vociferou Sofia Bradbury.

— Outra vez? — replicou Rupert, exasperado.

Sofia não estava com disposição para sermões. Os analgésicos e anti-inflamatórios que tomara ao pequeno-almoço, juntamente com um copo de *brandy*, estavam a aliviar pouco o desconforto da osteoporose espinal da sua zona lombar. O facto de os seus aparelhos auditivos estarem a funcionar mal, tornando algumas palavras difíceis de ouvir, também não ajudava.

— Para o hospital, lembra-se? — prosseguiu ele, com um tom enfadado. — Por favor, garanta-me que já se encontra no automóvel.

— Não, estou na porcaria de uma nave espacial. Onde achas que estou?

— Vou enviar a morada para o seu GPS.

— Para o meu quê?

— Oh, credo. Para o mapa no seu ecrã.

Sofia olhou para a consola central, enquanto as coordenadas surgiam e a rota que o seu veículo iria tomar era calculada para a levar da sua casa em Richmond, Londres. As portas asa de gaivota do automóvel trancaram-se automaticamente e o veículo iniciou a sua viagem, o único ruído por si emitido, o da gravilha do longo acesso a estalar por baixo do rasto espesso dos pneus.

— E já agora, porque vou lá? — perguntou Sofia.

— Já lho disse uma vez esta manhã — conseguiu ouvir Rupert dizer ao fundo. Presumiu que ele estivesse a dirigir-se ao rapaz com maneirismos efeminados que estava a fazer um estágio no seu escritório. Os assistentes de Rupert sucediam-se com uma regularidade alarmante, pensou, e partilhavam sempre um aspeto semelhante — t-shirts justas, calças de ganga justas e troncos magros.

— Rupert, és o meu agente e o meu relações públicas; quando te faço uma pergunta, espero que respondas.

— É uma iniciativa de visita e cumprimento aos jovens pacientes oncológicos.

— Oh, sim. — Ocorreu-lhe uma preocupação, fazendo-a franzir o sobrolho. Contudo, os seus músculos faciais ainda se encontravam demasiado paralisados devido à visita ao dermatologista na semana anterior para sentir fosse o que fosse acima da boca. — Este não vai ser um daqueles eventos em que ninguém sabe quem raio sou eu, pois não?

— Não, claro que não.

— Não me venhas com o «claro que não», como se nunca tivesse acontecido. Lembras-te de quando fui àquela escola em Coventry e eram todos demasiado jovens para me reconhecerem? Foi humilhante. Pensaram que eu era a mulher do Pai Natal.

— Não, tal como expliquei anteriormente, este grupo é de pacientes no início da adolescência e foi-me garantido que são todos grandes fãs de *Space & Time*.

— Deixei de filmar isso há uma década — disse Sofia, com um tom de desprezo.

— Não, não foi assim há tanto tempo, pois não?

— Posso ter 78 anos, mas ainda não estou senil de todo. Lembrou-me muito bem, porque foi a última vez que me conseguiste um trabalho como atriz para a televisão em horário nobre. É provável que não me esqueça, não é?

Embora tivesse lido o guião uma dúzia de vezes, mesmo enquanto filmava, Sofia não fazia a mínima ideia de qual era o enredo da famosa série televisiva de ficção científica. Tudo o que captava enquanto atuava era um pano de fundo verde — e ao fugir de um homem fora do ângulo das câmaras com uma bola de ténis presa a um bastão — era que uma cabeça de um extraterrestre seria adicionada ao filme em pós-produção. Não que Sofia alguma vez tivesse visto o produto final. Ela raramente via o seu próprio trabalho, especialmente nos seus anos mais avançados. Não sentia qualquer satisfação em ver-se a envelhecer.

Ultimamente, o seu trabalho de atriz tornara-se esporádico e os papéis oferecidos tinham estagnado. Sofia tentara manter-se relevante, prescindindo dos seus honorários por uma mão-cheia de projetos de estudantes de cinema e realizado uma digressão pelo país em produções regionais aclamadas de *Macbeth* e *A Tempestade*. Também lhe tinham sido oferecidas avultadas somas para se juntar ao elenco de duas telenovelas de longa duração. Mas não tinha prazer em desempenhar papéis de avós vestidas com fatos de lojas de caridade e pouca maquilhagem, e recusara sem hesitações os dois papéis.

Em vez disso, animou-se, fazendo um *lifting* do queixo e dos seios com a ajuda do bisturi de um cirurgião de Harley Street. Agora, as rugas e as pregas das costas das mãos eram os únicos sinais da sua verdadeira idade.

— Oh, *Oscar*, o que comeste tu? — repreendeu o *spitz* alemão branco deitado ao seu lado, tentando afastar com a mão o cheiro tóxico que ele emitira. O cão abriu por breves instantes um olho castanho, aninhou ainda mais o seu corpo contra a coxa dela e voltou a fechá-lo.

Sofia abriu o fecho da sua mala *Chanel* e retirou do interior um espelho compacto. Aplicou nos lábios outra camada de batom carmesim e viu, com desagrado, que este se espalhava em linhas verticais sob o nariz. Semicerrou os olhos perante o quão pálidas as suas pupilas cinzentas se tinham tornado e tomou uma nota mental para pedir ao assistente de Rupert para pesquisar procedimentos médicos que pudessem reduzir aquela cor leitosa. Com os seus retoques, maçãs do rosto realçadas, implantes capilares e aumento dos seios, por momentos, interrogou-se se tudo o que restava da Sofia Bradbury original não seria a sua ambição.

— Tens algum novo guião para eu ler? — perguntou a Rupert.

— Surgiram alguns, mas não creio que sejam adequados para si.

— Não deveria ser eu a decidir?

— Bem, um é o papel de uma prostituta idosa com cancro em estado terminal, numa série dramática, de longa duração, passada num hospital, e o outro é num videoclip de uma banda de raparigas. O papel que têm para si é o de um... fantasma.

— Oh, pelo amor de Deus — suspirou Sofia. — Portanto, ou me querem no meu leito de morte com as pernas abertas ou que regresse do Além. Por vezes, pergunto-me para que serve tudo isto.

— Eu envio-lhe os guiões para o carro agora e poderá lê-los pelo caminho.

Quando Sofia acabou de revirar os olhos, os traços gerais das personagens encontravam-se disponíveis para serem vistos no para-brisas, o que, com o acionar de um botão, transformava o vidro num monitor panorâmico e numa televisão. Bastou-lhe ler as primeiras linhas da descrição de cada personagem antes de as rejeitar.

Não era de um pagamento que ela necessitava; era de reconhecimento e de valorização. E as aparições anuais em congressos de

ficção científica ou conversas em programas de televisão não eram suficientes. Irritava-a o facto da British Academy of Film and Television Arts ainda não lhe ter oferecido uma filiação vitalícia apesar de ela ter pisado os palcos pela primeira vez aos 7 anos.

Será que eles sabem?, perguntou repentinamente a si mesma. *Terá havido rumores? Será que a BAFTA sabe o que fizeste e, por isso, está a castigar-te?* Ela odiava aquela voz. Assombrava-a há quase quatro décadas. Afastou-a da mente tão depressa quanto surgira.

Sofia afundou as costas doridas no assento do automóvel e pressionou o botão para as massajar com vibrações profundas e penetrantes. Serviu-se de mais um *brandy* do apoio para o braço refrigerado. Decidiu que a melhor característica dos carros sem condutor era poder-se beber e conduzir legalmente. Passou com as unhas cuidadas pelo couro macio. Depois, bateu no painel de madeira de Macáçar e enterrou os pés descalços no espesso tapete de lã de vicunha peruana. Ao dispensar o motorista, pôde comprar um *Imperial GX70* topo de gama, o veículo autónomo mais caro em produção. Não fazia a mínima ideia de como funcionava um automóvel sem condutor e não queria saber — desde que Rupert lhe garantisse que ela iria de A para B remotamente e a horas, era tudo o que interessava.

— Rupert? — perguntou ela, timidamente. — Ainda estás aí?

— Claro. Em que posso ajudar?

— Irá o meu... irá... o *Patrick*... juntar-se a mim hoje?

— Sim, a conta dele ainda se encontra ligada à sua agenda. Ele expressou interesse em estar presente, pelo que reservei um automóvel para ir buscá-lo ao campo de golfe. Irá ter consigo ao hospital.

Sofia deixou a resposta de Rupert no ar, sabendo das complicações que a aparição do seu marido poderia trazer.

— Falo contigo depois — disse ela, calmamente, não esperando pela resposta antes de desligar. Já tinha as unhas cravadas na palma da mão antes de se aperceber de que estava prestes a sangrar.

— Bom dia, Sofia — começou por dizer uma voz masculina que ela não reconheceu.

Olhou fixamente para a consola, presumindo que tocara acidentalmente em algo e atendera uma chamada telefónica.

— Rupert? Porque estás com essa voz tola?

— Não é o Rupert — respondeu a voz. — E poderá ficar surpreendida ao saber que o seu veículo já não se encontra sob o seu controlo.

Sofia riu-se.

— Nunca está sob o meu controlo, querido. É por essa razão que tenho *peessoas*. Para garantir que há quem controle as coisas por mim.

— Infelizmente, não sou uma das suas pessoas. Contudo, sou eu o responsável pelo seu destino.

— Ainda bem para si. Agora, pode parar com a tolice e passar ao Rupert, por favor?

— O Rupert não tem nada que ver com isto, Sofia. Eu programei o seu automóvel para a levar por uma rota alternativa esta manhã. E dentro de duas horas e trinta minutos, é provável que esteja morta.

Sofia suspirou.

— Eu li o guião, querido; não vou desempenhar o papel do raio de uma puta a morrer numa série de sábado à noite, passada num hospital. Sou a Sofia Bradbury e creio que a Sofia Bradbury vale um bocadinho mais do que isso.

— Terá notícias minhas em breve.

O automóvel ficou, novamente, em silêncio.

— Está? Está?

Sofia olhou de relance para o mapa no seu para-brisas e foi então que viu as indicações para a M25 e M1, e se apercebeu de que estava a sair de Londres e a dirigir-se para norte e não na direção do hospital em Essex.

— Rupert? — disse. — Rupert? Pelo amor de Deus, o que está a acontecer?

De repente, Sofia semicerrou os olhos e inclinou a cabeça para um lado como se tivesse deixado cair uma moeda. Um sorriso largo surgiu-lhe no rosto.

— Rupert, seu demoniozinho traiçoeiro, foste tu, não foste? Conseguiu que eu participasse naquele programa.

Sentiu um arrepio nas costas quando se deslocou para a beira do seu assento. Semicerrou os olhos, ao olhar à sua volta.

— Onde esconderam eles as câmaras, ou estarão a utilizar apenas do painel de instrumentos?

Havia apenas três *reality shows* em que Sofia consideraria a possibilidade de participar. Contudo, as tentativas de Rupert para organizar reuniões com os seus produtores tinham sido repetidamente rejeitadas. Sofia fora julgada demasiado incapaz para dançar e demasiado velha para permanecer numa selva peruana durante um mês. Mas Celebidades contra as Probabilidades era o novo programa de que toda a gente falava e onde todos os que estavam ligados ao mundo do espetáculo e cuja carreira se encontrava estagnada desesperavam por aparecer.

No episódio de estreia de cada série, dez caras famosas eram apanhadas sem aviso durante a sua rotina quotidiana. Eram levadas para um destino desconhecido, para competirem numa série de tarefas físicas e mentais. As câmaras gravavam todos os seus movimentos durante uma semana. Um ano antes, Sofia assistira com inveja quando Tracy Fenton, a sua rival dos palcos durante mais de quatro décadas, fora uma das escolhidas. Também ela fora levada enquanto se encontrava no automóvel e o ressurgimento da sua popularidade permitira-lhe figurar no elenco de duas séries de destaque. Agora, parecia que os produtores de Celebidades contra as Probabilidades queriam Sofia.

Cerrou os punhos para conter o seu entusiasmo — o seu regresso estava iminente, conseguia senti-lo. Não seria por desempenhar papéis de avó em telenovelas. Seria por ser ela própria, transportada para as casas, veículos, telefones e tablets todas as noites durante uma semana.

Sofia retirou novamente o espelho da mala e verificou a maquiagem de todos os ângulos, alisando, nivelando e fazendo contornos

onde fosse necessário. Depois pegou noutra analgésico e engoliu-o com um trago de *brandy*.

— É agora, *Oscar* — disse ela, orgulhosamente, enquanto lhe fazia festas na cabeça. — A mamã está de regresso ao topo. Espera e verás.

Manteve o sorriso firme e olhou diretamente para a câmara e, pela primeira vez em anos, não teve medo de fitar a sua própria imagem quando esta surgiu no ecrã à sua frente.

CAPÍTULO 4

EncycloWorld

Página principal

Índice

Destaque

Atualidade

Artigo aleatório

Donativos

Loja

Interação

Ajuda

Acerca de EncycloWorld

Comunidade

Alterações

Contactos

Aniversário de Casamento

de EncycloWorld, a enciclopédia livre

As origens históricas dos **aniversários de casamento** remontam ao **Sacro Império Romano**. Estes presentes variam em diferentes países, mas alguns têm ligações bastante bem definidas na maior parte das ações. Décimo: **estanho, alumínio**

Índice [ocultar]

- 1 **Aniversário de casamento**
- 2 **Sacro Império Romano**
- 3 **Estanho**
- 4 **Alumínio**

SAM & HEIDI COLE

— Tens a certeza de que os teus pais não marcaram nada para esse dia? — perguntou Sam. — A tua mãe é terrível, quando se trata de se lembrar de que se ofereceu para ficar com os miúdos.

— Sim, tenho a certeza — respondeu Heidi. — Já acrescentei a data ao calendário familiar, pelo que ela vai receber uma mensagem diária de aviso quando a data se aproximar. Então, e tu? Tens a certeza de que vais estar em Luton nessa altura?

— Hum-hum. Devo estar.

— Então, quando é que vais dizer-me o que organizaste?

— Não vou. Como não paro de te dizer, é surpresa.

— Sabes que odeio surpresas.

— A maioria das mulheres adoram-nas.

— A maioria das mulheres não são agentes da Polícia e, no meu trabalho, as surpresas raramente são uma coisa boa.

— Então, deixemos que esta seja a exceção. Por uma vez, tem alguma fé no teu marido.

Heidi queria rir-se, mas conteve-se. Em vez disso, acabou de limar as unhas e recordou o esforço do ano anterior — um jantar de peixe no *pub* local. O dinheiro era escasso, pelo que não dera voz à sua desilusão. Muitos meses depois, deparara por acaso com o motivo das suas dificuldades financeiras. Mas optara por guardá-lo para si.

Verificou a hora a que chegaria ao seu destino no *tablier* do carro — ainda demoraria mais vinte minutos. Precisava de algo que a distraísse da ansiedade que sentia em relação ao que iria acontecer. Por isso, decidira pintar as unhas. Abriu a mala e retirou de lá três tons de verniz branco.

— Qual devo usar? — perguntou, erguendo-os à frente da câmara do *tablier*.

A partir da consola do seu próprio carro, observou enquanto Sam olhava atentamente para cada um.

— O branco — respondeu, metendo na boca mais uma colher cheia das papas de aveia que levava num *Tupperware*. Heidi odiava viajar de manhã no veículo dele: tresandava a papas de aveia com leite ou a bacon estaladiço.

— Qual dos brancos? — insistiu ela, vendo Sam hesitar, como se o seu instinto estivesse a avisá-lo de que se tratava de um teste.

— O da esquerda.

— Bem lembrado. Foi o mesmo que escolhi para o dia do nosso casamento.

— Jamais poderia esquecê-lo.

Heidi sabia que o marido estava a mentir, porque ela também estava. Nesse dia, usara um verniz rosa-bebé. Recentemente, dera por si a pô-lo à prova com uma frequência crescente em relação aos tópicos mais irrelevantes e inócuos, só para ver o quanto estaria ele disposto a inventar.

— Esta cor lembra-me sempre de quando estive sentada com a Kim e a Lisa na manicura — continuou, inventando à medida que ia avançando. — Demos com a dona em louca, enquanto tentávamos decidir que cor escolher. A Kim estava sempre a dizer que eu deveria escolher o marfim, para combinar com o vestido, mas eu queria algo com um pouco mais de brilho.

— Fizeste a escolha certa. Estavas lindíssima.

Heidi tentou ler o sorriso dele, esperando silenciosamente que fosse genuíno. Lembrou-se de o ver à sua espera no altar, virando a cabeça quando o órgão começara a tocar os primeiros acordes da *Marcha Nupcial* de Wagner e de como enxugara os olhos ao vê-la. Mesmo agora, depois de tudo o que acontecera, faria qualquer coisa para reviver esses momentos iniciais de conto de fadas da sua relação, nem que fosse por um momento.

— Lembras-te de onde foi o nosso primeiro encontro? — perguntou Heidi.

— Claro, naquele restaurante de peixe em Aldeburgh.

— Não, isso foi a segunda noite.

— Não conto a primeira, porque isso foi quando nos conhecemos.

— É verdade, estavas num fim de semana machão infernal.

— O padrinho do Bob tinha reservado para nós duas caravanas estáticas num parque repleto de reformados e o único bar da cidade fechava às onze. Depois, vi-te e às tuas amigas a regressar ao parque de campismo e, quando dei por mim, tínhamos passado a noite

agarrados a uma garrafa de *Prosecco*, enquanto assistíamos ao nascer do sol sobre a praia.

Heidi sentiu o calor a espalhar-se pela superfície da sua pele, espelhando aquilo que sentira quando Sam se inclinara para a beijar pela primeira vez. Nessa altura, e após o colapso do casamento dos pais, não acreditava em finais felizes. E nem por um momento presumiu que pudesse apaixonar-se tanto e tão depressa. A sensação quente dissolveu-se tão rapidamente quanto havia aparecido. Soprou suavemente sobre as unhas de uma das mãos antes de começar a pintar a outra.

— Quem teria pensado, na altura, que um dia iríamos celebrar o nosso décimo aniversário?

— Eu, porque nunca tinha conhecido ninguém tão no meu comprimento de onda como tu. Não havia a mínima hipótese de te deixar escapar. E já que falamos nisso, além do serrote para remover a corrente e a bola, que mais é suposto comprarmos um ao outro para celebrar?

— Algo feito de alumínio.

— Então, isso quer dizer que se eu embrulhar uma lata de esparquete, ficas satisfeita?

— Experimenta e veremos quanto tempo o teu proctologista levará a removê-la cirurgicamente.

— O que estava naquela lista moderna de presentes de aniversário que procuraste no *Google*?

— Diamantes. Ao que parece continuam a ser os melhores amigos de uma rapariga.

— Pensei que eu fosse o teu melhor amigo?

Foste, disse Heidi para si mesma. *Tempos houve em que eras tudo para mim.*

Heidi observou Sam enquanto ele usava a gravata para limpar os óculos. Não os usava quando se conheceram, mas nessa altura o cabelo e a barba também não estavam grisalhos e a pele em redor dos olhos não se enchia de rugas quando se ria. Ela perguntou-se

se ele a teria visto envelhecer como ela a ele. Talvez fosse assim que tudo aquilo começara. Talvez a culpa fosse da genética. O seu corpo já não era tão atraente como fora inicialmente, quando estavam nos primeiros rubores do amor. Mas o casamento não era isso mesmo? Não era a cerimónia nem os gestos grandiosos ou os aniversários, mas estar ao lado de alguém, aconteça o que acontecer; envelhecer um ao lado do outro e amarem-se apesar de todos os defeitos. *Até que a morte nos separe*, disse a si mesma.

Heidi perguntou-se o que veriam os outros quando olhavam para ela. Na sua imaginação, era ainda uma jovem de 20 anos com toda a vida pela frente. Na realidade, era uma mãe de dois filhos, com 40 anos, cujo cabelo louro outrora espesso estava a perder o brilho. Os dentes estavam a precisar de branqueamento e a linha do maxilar estava a perder rapidamente a elasticidade. À medida que a gravidade a puxava para sul, levava consigo as sardas. Hoje em dia, não se pareciam tanto pontinhos castanhos engraçados, mas mais com grandes manchas de tinta. Não fora apenas o seu aspeto a ficar mais duro com o passar do tempo. O mesmo acontecera à sua personalidade. O seu trabalho tornara mais difícil para ela ver o lado bom das pessoas. E já se esquecera de como era chorar lágrimas de alegria ou de tristeza. Por vezes, sentia-se como se fosse feita de pedra; se o seu exterior se quebrasse, revelar-se-ia igualmente sólida por dentro.

— Sentes saudades desses dias? — perguntou Heidi, de súbito.

— De que dias?

— Daqueles em que podíamos beber e fumar e sair sempre que quiséssemos ou dar uma volta pela Europa, fazendo uma pausa da cidade, sem termos de nos preocupar com os miúdos.

— Às vezes, como quando eles apanharam aquele vírus gastrointestinal antes do Natal e a casa tresandava como um *vomitorium* romano. Mas no geral, não. A aventura em que nos encontramos é muito mais divertida com eles presentes.

— Se conseguirmos um negócio de última hora barato, deveríamos levá-los ao Sul de França para passarmos alguns dias em agosto.

Levamos o básico, programamos a morada, partimos de noite e dormimos no carro, enquanto ele nos leva até lá. Podíamos chegar a Lyon pela manhã.

Heidi sabia qual seria a resposta de Sam antes de ele lha dar.

— Veremos — respondeu. No que dizia respeito a viagens ao estrangeiro, a sua resposta, durante quase toda a sua vida de casados fora «veremos». Natal sim, Natal não, visitava a mãe no apartamento desta no Algarve. Contudo, ia sempre sozinho.

— Recorda-me lá, onde é que vais levar-me no nosso aniversário? — perguntou ela.

— Oh, por amor de Deus, se queres mesmo saber, eu digo-te. Mas não comeces a choramingar mais tarde por eu te ter estragado a surpresa.

— Vamos lá. Desembucha.

— Está bem, pronto, aluguei uma caravana para nós os dois em Aldeburgh, para que possamos passar lá o fim de semana, e estava a pensar fazer um piquenique ao início da manhã, para podermos começar o dia onde tudo começou: sob o sol nascente.

— Oh, é encantador — retorquiu Heidi, não sentindo uma só palavra do que estava a dizer. Sam presumira claramente que se tratava de um gesto romântico e atencioso. — É uma ideia muito boa.

— Foi o que eu pensei — replicou ele. — Mas depois lembrei-me de como o rosto da minha mulher a traiu o ano passado quando a levei ao *pub*. Por isso comprei bilhetes para um musical no West End de Londres, seguido de um jantar num restaurante elegante e de um quarto num hotel de Convent Garden.

Heidi sabia que aquilo jamais iria acontecer, mas deixou-se levar ainda assim.

— Estás a falar a sério? Temos dinheiro para isso? A viagem de esqui do James está a aproximar-se...

— Temos, sim — respondeu Sam, e ela reconheceu um toque de irritação na sua voz por o ter questionado. — Há já algum tempo que tenho vindo a pôr dinheiro de lado para isto.

Heidi abriu a boca para dizer algo mais, mas mudou de ideias. Em vez disso, exibiu as unhas acabadas de pintar em frente à câmara.

— O que achas? — perguntou, mas antes que Sam pudesse responder, a imagem desapareceu. — Sam? A chamada foi cortada?

Entretanto, dentro do automóvel do marido, vários quilómetros atrás dela, Sam batia no *tablier* para tentar convencer o ecrã a voltar a funcionar. Estava a pagar o preço por se ter esquecido dos lembretes automáticos do carro para a inspeção dos seis meses, uma atualização do software e uma aplicação para diagnosticar o problema. Também não marcara ainda a do automóvel de Heidi, mas ela não precisava de saber. Havia muita coisa que ela não precisava de saber.

— Ainda consigo ouvir-te — respondeu ele.

— O que aconteceu?

— Devemos ter caído num buraco negro de wi-fi.

— Então, porque está o meu GPS a reprogramar-se com um caminho diferente?

Sam pousou a tigela de papas de aveia, agora vazia, no lugar ao seu lado.

— Por vezes, faz isso, não faz? Tu sabes, quando há acidentes ou problemas mais à frente. — Sam olhou de relance para o seu próprio ecrã. — Espera, o meu está a fazer o mesmo. O que... Para onde raio está ele a levar-nos ...

Não teve oportunidade de terminar a frase. A voz que, em seguida, jorrou das colunas não pertencia a nenhum deles.

CAPÍTULO 5

TV TVNews.co.uk

Reportagem: 7h05

A Polícia de Leicestershire deteve 12 pessoas suspeitas de tráfico de seres humanos, exploração laboral e escravatura moderna.

Os agentes da Polícia realizaram rusgas pela manhã em duas empresas de Leicester e em três casas de Rugby. Dois homens e uma mulher serão presentes a tribunal durante o dia de hoje, enquanto a Polícia interroga mais nove pessoas.

SHABANA KHARTRI

— Eu consigo, eu consigo, eu consigo...

Shabana ia repetindo o mantra num sussurro, enquanto o carro arrancava, deixando para trás a única casa que conheceu em vinte anos. *É mesmo real*, pensou. O inimaginável estava a tornar-se realidade.

Tinham passado apenas trinta minutos desde que o seu filho Reyansh aparecera à porta da frente da casa da família, implorando que ela o ouvisse. Embora se sentisse muitíssimo feliz por vê-lo, a sua primeira preocupação foi com a segurança dele.

— O que estás a fazer aqui? — respondera, tomando-lhe o rosto nas mãos, os olhos a saltar entre o seu primogénito e as casas dos vizinhos, para confirmar se alguém se apercebera do seu regresso.

Ele parecia estar sem fôlego. — Não podes vir aqui — continuou Shabana. — Não é seguro para ti.

— Já não importa — respondeu. — Por favor, mãe, tens de me ouvir. Esta é a oportunidade de que tens estado à espera para sair daqui.

— De que estás a falar, filho? O que aconteceu?

— É o pai. Foi preso.

Shabana recuara um passo para o alpendre e abanava a cabeça como se não conseguisse percebê-lo.

— Como assim, foi preso? Porquê?

— Não sei todos os pormenores; tudo o que sei é que o advogado telefonou a pedir que fosses pagar a sua fiança. Como não falas inglês, ele ligou para mim. Tudo o que o advogado me disse foi que a detenção envolvia tráfico de seres humanos.

Shabana já ouvira aquela expressão, mas não pensara em perguntar o seu significado.

— É quando as pessoas são levadas ilegalmente de um país para outro — continuara Reyansh. — Os homens são frequentemente vendidos como trabalhadores escravos e as mulheres obrigadas a prostituir-se.

Ela tapara a boca com as mãos.

— E dizem que o teu pai andava a fazer isso?

— É disso que o acusam, sim. O Rohit e o Sanjay também foram presos no restaurante a noite passada, juntamente com um grupo de outros homens em diferentes moradas. A Polícia diz que fazem parte de um gangue suspeito de trazer crianças e pedintes dos bairros de lata de Assan, para serem vendidos.

Shabana reconheceu os nomes dos outros homens, mas não conseguiu dar-lhes um rosto. Sempre que o marido, Vihaan, levava amigos lá a casa, ela recebia ordens para subir ao primeiro andar e permanecer longe dos seus olhares, até partirem. Muitas vezes, permaneciam na sala de jantar a embriagar-se com *Sekmai* até às primeiras horas da manhã. Também não era incomum ele ficar fora

durante vários dias, razão pela qual não estranhara a sua ausência na noite anterior.

— Mãe, esta é a tua oportunidade de o deixares — continuara Reyansh. — Nunca voltarás a ter uma possibilidade destas.

Shabana soubera que, se aquilo que o filho estava a dizer-lhe fosse verdade, tudo aquilo com que sonhara poderia estar prestes a tornar-se realidade. Ainda assim, hesitou.

— Não estou pronta — sussurrou, com o coração acelerado. — Teria de fazer as malas, preparar as meninas... O que lhes digo? Não tenho dinheiro de lado. Como nos alimentaremos? Como viveremos? Para onde iremos?

— Tenho dois táxis à espera — disse-lhe Reyansh, e virou-se para apontar para eles. — Um para te levar a uma advogada e o outro para levar as meninas para um abrigo. O pai disse ao advogado que há dinheiro escondido no barracão, milhares de libras que poderão pagar a sua fiança. Não há nada que te impeça de ires buscá-lo.

— Isso é roubo.

— Ele roubou duas décadas da tua vida.

— Que tipo de abrigo?

— É para famílias como nós e mulheres como tu; esposas da comunidade indiana que passaram a vida sob o controlo do marido; mulheres que se fartaram de ser espancadas e atormentadas e tratadas como cães, e que precisam de um novo começo.

— Mas... Mas... — Shabana não soubera como reagir. Durante muitos anos, fantasiara fugir de Vihaan. Nove anos tinham passado desde a sua última tentativa digna desse nome, quando planeara viajar da sua casa em Leicester para Newcastle, onde vivia um primo afastado. A Sra. Patel, que geria o supermercado local, ajudara-a. Só que, quando o marido da Sra. Patel descobrira os bilhetes para o autocarro National Express que a sua mulher tinha escondido para Shabana e as filhas, sentira-se na obrigação de revelar os seus planos a Vihaan. O seu castigo fora uma tarefa tão violenta que continuava a não ser capaz de apoiar todo o seu peso no tornozelo direito.

Desde esse dia, a sua única esperança fora que a morte prematura pudesse livrar o mundo de Vihaan. Ele fumava um maço de cigarros com elevado teor de alcatrão por dia e a sua dieta repleta de gorduras significava que tinha pelo menos vinte quilos de excesso de peso. Seria uma questão de tempo até o seu coração sucumbir. Por vezes, imaginava que o via cair no chão da cozinha, agarrado ao braço e ao peito, e suplicando que procurasse ajuda. «Não posso», dir-lhe-ia ela. «Só falo bengali. Não permitiste que aprendesse inglês, lembraste?»

— Mãe — disse Reyansh, trazendo-a de volta ao presente. Tomara as mãos da mãe nas suas. — É isto que queres, não é? A oportunidade para escapares dele? Porque está de facto a acontecer, agora.

— Quando ele voltar para casa, virá atrás de nós e irá encontrar-nos e matar-nos. Eu sei o quão vingativo é o teu pai quando lhe fazem frente.

— Não, não irá, porque não vai poder. Reuni-me com as mulheres que gerem o abrigo e expliquei a tua situação, e elas disseram-me que, quando estivesse pronta, serias bem-vinda. É completamente anónimo; ninguém saberá quem és. Voltei a falar com elas a caminho daqui: podem receber-vos a todas esta manhã. Há camas à vossa espera. E puseram-me em contacto com uma advogada que trabalha de perto com elas. Ela está pronta para te receber agora, para tratar de uma providência cautelar contra o pai. Está tudo tratado e pronto. Precisamos apenas de ti e das miúdas.

— Então, e tu? Para onde irás?

— Faltam-me poucos meses para começar a faculdade. Posso ir dormindo em alguns sofás até lá. Tive sorte: ser expulso de casa, porque o pai acha que ser *gay* é pior do que estar morto, foi a melhor coisa que ele alguma vez fez por mim. Mãe, o mundo é lindo para lá destas paredes, se ao menos lhe deres uma oportunidade.

— A tua amiga advogada sabe que eu não falo inglês?

— Sim, e diz para não te preocupares; já viu situações idênticas muitas vezes. Quer ajudar-te.

— E prometes cuidar das meninas, enquanto eu me reúno com ela?

— Sim, claro que sim.

De repente, um calor viajara rapidamente pelas veias de Shabana, afetando-lhe todo o corpo. Os seus acenos de cabeça tinham sido quase impercetíveis até ela imaginar o quão diferente poderia ser o seu futuro se confiasse no filho e nas pessoas que envolvera no seu auxílio. O facto de estarem dispostos a ajudar alguém que não conheciam comovera-a. Fitara Reyansh, olhos nos olhos.

— Ajuda-me a preparar as tuas irmãs — disse, com uma confiança crescente.

Shabana colocara em dois sacos de compras tudo de que poderia precisar para os próximos dias, como roupas, roupa interior e produtos de higiene. Do seu quarto, escutara enquanto Reyansh organizava as quatro irmãs nos quartos adjacentes. Estava tão orgulhosa do seu único filho varão; apesar de tudo o que aprendera acerca dos homens a ver o pai, sabia que isso era errado. Em vez disso, mantivera-se uma alma doce, gentil e atenciosa. O nome que ela lhe dera queria dizer «primeiro raio de sol» e agora era esse o presente que ele lhe dava — a oportunidade de ver um novo dia, sob uma nova luz. Estava pronta para deixar as sombras e juntar-se a um mundo iluminado de um modo de que já quase não se recordava.

Enquanto ouvia as raparigas a descer as escadas, disse uma pequena oração por elas. Iniciara a viagem da maternidade com a melhor das intenções, e quisera ensiná-las a serem independentes e a não permitir que ninguém as controlasse. Mas com catorze anos e ainda mais novas, tudo o que tinham conhecido dela era uma mulher assustada e subserviente. Tendo crescido debaixo daquele teto, esperava que não fosse demasiado tarde para que mudassem as suas expectativas em relação ao que deveria ser um casamento. Se repetissem os seus erros, não seria por culpa delas, mas sua. E por isso, jamais se perdoaria.

De malas feitas, Shabana correria para a cozinha, em busca da chave, dirigindo-se depois ao barracão fechado a cadeado onde nunca

lhe fora permitido entrar. Arrancou as embalagens das prateleiras e vasculhou caixas e sacos até ter recolhido maço após maço de notas. Ficara chocada com a quantidade de dinheiro. Enquanto ela era obrigada a gerir um magro orçamento para alimentar e vestir uma família cada vez maior, Vihaan ia acumulando milhares e milhares de libras. O seu ódio por ele crescera ainda mais.

Depois de enfiar o dinheiro nos bolsos, juntou-se ao resto da família na sala que Vihaan tomara para si e de onde os banira. Começara a sentir uma força que não se apercebera de que ainda tinha quando viu as filhas, com as mochilas da escola ao ombro, repletas de roupas, livros e brinquedos. Entretanto, Reyansh pairava nervosamente por trás do espesso cortinado de rede, confirmando que tudo estava bem no exterior, pronto para a sua fuga. Durante muito tempo, aquele cortinado escondera do resto do mundo o que acontecera a Shabana. Mas não mais. Arrancara-o do varão até cair no chão, num monte. Por fim, pôde olhar pela janela com clareza.

— Eles que olhem para mim — disse, em tom de desafio.

Quando beijara o rosto de cada uma das suas filhas, as duas mais novas, Aditya e Krish, tinham começado a chorar. A mãe reagira, abraçando-as com força.

— Vou mostrar-vos o que significa ser feliz — sussurrara, antes de as largar. Reyansh acompanhara-as até à porta da frente e a um de dois táxis sem condutor parados no exterior. Depois, ajudara Shabana a colocar as malas no segundo veículo estacionado atrás do primeiro, programando a morada da advogada no GPS.

— Vemo-nos esta tarde — respondeu e entregou-lhe um telemóvel, antes de se lembrar de que ela nunca mexera num. — Eu ligo-te para aqui. Carrega no botão verde para atender. Depois, darei ordens ao teu carro para te levar até nós.

Shabana abraçara o filho e apertara-o contra si.

— Obrigada — sussurrara, antes de lhe permitir que partisse.

Era a primeira vez que viajava num veículo sem condutor. Mas ela confiara em Reyansh quando ele lhe assegurara que a levaria

para onde precisava de ir, sozinho. O seu único filho varão ainda não tinha feito 18 anos, mas era o único homem em quem confiava — não o pai, que arranjara aquele casamento com um homem que sabia ser violento, nem os irmãos, que quase tinham espancado até à morte um namorado que ela tivera de uma casta inferior na Índia, na sua adolescência.

Shabana permitira-se começar a imaginar onde poderia ir, agora que estava livre. Um pequeno apartamento de habitação social seria suficiente. Um com rádio e uma televisão, para que pudesse ver filmes depois de as raparigas se deitarem. Ao longo dos anos, os filmes haviam-se tornado o seu único escape possível. Por vezes, quando Vihaan saía e se esquecia de esconder o comando da televisão, via um canal indiano e vivia indiretamente através das maiores histórias de amor de Bollywood. Ficava hipnotizada com as belas raparigas com os seus cabelos imaculados e roupas brilhantes e coloridas, dançando com uma alegria que ela raramente conhecera. Era como se tivessem sido abençoadas por um Deus diferente daquele que ela adorava.

Shabana olhara para o mapa no monitor do *tablier*, enquanto o carro percorria as estradas que ela só fizera a pé. Habituar-se ao ardor nos músculos dos braços quando regressava a casa, carregada com pesados sacos de comida.

Nunca mais. Em breve, poderia apanhar um autocarro ou um táxi ou talvez arranjar uma amiga e ir às compras com ela. Graças à tenacidade de Reyansh, um mundo vasto de possibilidades estendia-se agora à sua frente e à frente da sua família. As duas palavras que Vihaan lhe arrancara brutalmente começavam, lentamente, a regressar ao seu vocabulário.

Eu consigo, disse a si mesma, *eu consigo*.

A sua voz interior foi a última que ouviu antes de uma voz inglesa soar do nada, projetada pelas colunas do automóvel. Chegou tão subitamente que a assustou.

— O que se passa? — perguntou em voz alta, na sua língua nativa. Os seus olhos percorreram o interior da viatura. A voz continuava

a falar, mas ela só compreendia uma ou outra palavra, aqui e ali. Uma delas parecia «morrer».

De súbito, o monitor acendeu-se. O ecrã principal encheu-se de ecrãs muito mais pequenos e de outras pessoas nos seus carros. Nenhuma delas sorria — todas pareciam assustadas. Aproximou a cabeça, na esperança de que uma delas fosse o filho. Mas o único rosto familiar que viu foi o seu.

O pânico cresceu dentro de Shabana, tal como crescia quando ouvia Vihaan bater a porta depois de uma noite de folia. Se estivesse embriagado, estava zangado. E se estivesse zangado, iria libertar a sua agressividade sobre a sua mulher, fazendo dela o que quisesse, enquanto ela ficava deitada, imóvel, de olhos fechados e punhos cerrados, a sonhar com uma vida melhor.

Outras vozes começaram a encher o seu carro, mais palavras e línguas que ela não compreendia, acompanhadas de choros assustadores, gritos e pessoas em aflição.

— O que é que se passa? — perguntou, em voz alta. — Não gosto disto. Por favor, podem parar o carro? Gostaria de sair.

Carregou num botão na porta, na esperança de que a abrisse, mas nada aconteceu. Olhou para o telefone que Reyansh lhe dera e carregou no botão verde, levando o aparelho ao ouvido.

— Reyansh? — perguntou. — Reyansh, filho, consegues ouvir-me? Estás aí? Por favor?

Mas não houve resposta. Shabana tinha um pressentimento de que a nova vida com que se atrevera a sonhar já fugia do seu alcance.

**SEGUNDA
PARTE**

CAPÍTULO 6

NG NationalGov.co.uk

Porque queremos carros sem condutor?

Em 2019, um milhão de pessoas por todo o mundo perdeu a vida em acidentes de viação. O objetivo dos carros sem condutor é reduzir esse número em, pelo menos, 95%. Outros benefícios incluem a diminuição da poluição, menos demora no trânsito, mais tempo livre e menos gastos.

Como funcionam?

Cada veículo é alimentado por baterias recarregáveis e é operado por um conjunto de computadores. Ao carro estão ligados câmaras de vídeo digitais, sensores ultrassônicos, radar, sonar, sistemas de infravermelhos e LIDAR. Juntos, permitem construir uma imagem de 360° do que rodeia o veículo, atualizada centenas de vezes por segundo. Em caso de acidente potencial, os computadores integrados utilizam Inteligência Artificial para tomar decisões acerca de como minimizar as vítimas mortais. Esses pormenores são armazenados numa caixa negra existente a bordo.

Quando serão estes veículos obrigatórios?

Seguindo a legislação aprovada tanto pela Câmara dos Comuns como pela Câmara dos Lordes, o Governo comprometeu-se a transformar as estradas de Inglaterra na primeira rede completamente autónoma do mundo, com planos para banir por completo os veículos manuais no espaço de uma década.

Libby Dixon não precisava de ver o seu reflexo no espelho da casa de banho para saber que continuava de sobrolho franzido.

Já estava assim quando o despertador tocara às 6h45 da manhã e ela se lembrara de onde iria passar o dia. Doía-lhe o pescoço por ter dormido num ângulo estranho, pelo que pressionou com os dedos os músculos de ambos os lados para o tentar soltar. O sobrolho permaneceu franzido, enquanto ela se arrastava pelo corredor, tomava um duche e, depois, dedicava um esforço mínimo à aplicação da sua maquilhagem. Franziu o sobrolho, enquanto cobria um determinado ponto no queixo, prendia num rabo de cavalo o cabelo castanho, naturalmente ondulado, e vasculhava o roupeiro. Decidiu-se por um traje conservador, composto por uma blusa creme, simples, uma saia azul-escura com casaco a condizer. Não pretendia impressionar ninguém.

E agora, enquanto estava na cozinha, nem sequer os seus coelhinhos domésticos, *Michael* e *Jackson*, conseguiam trazer-lhe um sorriso ao rosto, enquanto corriam, um atrás do outro, em redor dos seus pés. Serviu-se de uma segunda caneca de café, na esperança de que a cafeína extra conseguisse animá-la. Não conseguiu, pelo que continuava de sobrolho franzido.

Um estado de espírito amuado e rabugento não se adequava naturalmente a Libby. Ela encontrava, invariavelmente, um lado positivo nos momentos mais sombrios. Mas aquele dia era uma exceção. E se as doze horas seguintes se assemelhassem às do dia anterior, não iria voltar a sorrir até ao final da semana, quando tudo tivesse terminado. E isso significava mais quatro dias de sobrolho franzido.

Alimentou os coelhos com feno fresco e ração, enfiou um velho par de mules gastas, pôs a mala ao ombro e dirigiu-se à porta da frente. Parou para retirar o telemóvel do bolso e verificar as mensagens de correio eletrónico, texto e redes sociais. Voltou a suspirar baixinho, pois, uma vez mais, não havia quaisquer avanços na sua busca por ele.

Talvez esteja na altura de desistir de ti?, perguntou-se e deixou o telefone deslizar para dentro da mala.

O estado de espírito de Libby estava no seu ponto mais baixo, e em forte contraste com o de vinte e quatro horas antes, quando acordara com uma excitação nervosa. Pusera o despertador para mais cedo do que o normal, de modo que tivesse tempo para uma corrida ao longo dos caminhos do canal de Birmingham que serpenteavam por entre fábricas recuperadas, antes de regressar a casa para um pequeno-almoço de fruta biológica e um iogurte magro. Depois, tendo lavado e nutrido o cabelo, usou os seus cosméticos de marca mais caros e removeu a capa de plástico de um dos cinco fatos, acabados de limpar, um para cada dia da semana.

Libby fizera questão de causar uma boa primeira impressão entre os desconhecidos com quem iria passar uma semana num espaço exíguo. No entanto, o seu fervor afundara-se como um balão de chumbo poucos minutos depois da chegada. Tendo em consideração a cara de poucos amigos dos restantes intervenientes, a presença dela era uma formalidade em relação à qual nada tinham a dizer. O desdém depressa se tornara mútuo.

A porta da rua fechou-se atrás dela e, uma vez no exterior, sentiu no rosto o brilho do sol do início da manhã. Pelo menos, a quente manhã de abril era algo que podia agradecer, pensou, e arregaçou as mangas do casaco, para dar início à viagem.

Percorreu os jardins partilhados do condomínio privado onde vivia, passou pelos altaneiros portões de ferro forjado, avançou pelos caminhos do canal em direção ao centro da cidade de Birmingham, que se erguiam ao longe. Os arranha-céus que crivavam o horizonte não estavam lá quando se mudara de Northampton para a cidade, nove anos antes. A sua cidade adotiva estava a mudar com os tempos e a um ritmo tão rápido que, muitas vezes, sentia que o mundo moderno estava a deixá-la para trás.

Acontecia-lhe o mesmo com os relacionamentos. Muitos dos seus amigos estavam agora a viver em união de facto ou tinham casado e estavam a criar a sua própria família. Libby já perdera a conta aos chás de bebé a que assistira e ao número de vezes que

as amigas lhe tinham perguntado se já havia encontrado alguém para substituir o seu antigo noivo, William. Não tinha.

Na altura, perdoara-lhe o beijo embriagado que trocara com uma atraente estagiária do trabalho, até sete meses depois, quando a adolescente lhe aparecera à porta, claramente grávida. Libby expulsara William de sua casa e, desde então, recusara-se a interagir com ele fosse de que modo fosse. Mas odiá-lo não a impedira de passar uma semana inteira lavada em lágrimas, quando os seus amigos mútuos a informaram de que ele estava agora noivo e fora pai de uma menina.

Fora o amor da vida dela e, embora ninguém conseguisse perceber porquê, tendo-se separado há quase dois anos e meio, Libby continuava solteira. Mas jurara a si mesma que, em vez de se preocupar em encontrar o Tipo Certo ou em comparar a sua vida com a dos seus pares, iria abraçar o facto de ser uma mulher solteira, independente. Mas nas noites que passava na companhia dos seus animais de estimação e de uma garrafa de *Pinot Grigio*, entrava nas páginas de encontros para ver quem mais ficara na prateleira. Por vezes, limitava-se a olhar para as fotografias; outras vezes, pairava sobre os seus perfis, procurando razões para não falar com eles. Podia entabular conversas educadas com aqueles que davam o primeiro passo, mas quando se tornavam demasiado persistentes ou interessados, deixava de lhes responder ou bloqueava-os.

Depois, *ele* apareceu no seu mundo. Mas, num abrir e fechar de olhos, desaparecera, tão depressa quanto havia parecido. Ainda agora, passados seis meses, lembrava-se dele todos os dias. Perguntava-se se ele lhe dedicaria tantos pensamentos quanto ela a ele.

Libby passou por uma mão-cheia de trabalhadores da Câmara Municipal numa traineira, a descer para as águas redes de arrasto, raspando-as pelo fundo do canal para recolher objetos submersos. A maioria das vezes, eram bicicletas partilhadas sem ponto de recolha que tinham invadido a cidade como uma praga de grandes ratazanas metálicas. Deveriam ser a solução para as pessoas com

vencimentos mais baixos e que já não conseguiam lidar com os custos cada vez mais elevados dos seguros para os veículos normais ou com a necessidade de substituir os seus carros, em breve ultrapassados, por carros elétricos sem condutor da próxima geração.

No entanto, a falta de regulamentação significava que os fabricantes procuravam preços cada vez mais baixos e as bicicletas tinham invadido o mercado. E a partir do momento em que alguns faliram, ficaram livres para usar e abusar. Libby abanou a cabeça quando a rede de aro metálico se ergueu acima da superfície da água e ela contou mais seis bicicletas de cores berrantes. O ambiente estava a tornar-se mais uma vítima da corrida aos carros sem condutor que Libby passara a odiar.

Abandonou o sossego dos canais e subiu a escada íngreme de degraus de tijolo que conduzia ao nível das ruas. Passou por um dos *campus* da Cidade Universitária de Birmingham, onde, depois de abandonar uma carreira pouco compensadora como conselheira de hipotecas de um banco, passara três anos em formação para se tornar enfermeira de saúde mental. A sua nova carreira combinava consigo e mal podia esperar por regressar ao trabalho uma vez despachada aquela semana.

Enquanto passava por Monroe Street, uma rua longa e curva, rodeada de ambos os lados por cafés, bistrôs, retalhistas independentes e boutiques, Libby recusou-se a permitir que os seus olhos percorressem as montras. Aquele fora, outrora, um bairro que frequentara com regularidade. Mas tinham-se passado dois anos desde a última vez que ali se aventurara. Lembrava-se de cada segundo da sequência de eventos como se tivesse sido no dia anterior.

Havia três momentos na vida de Libby que esta não tinha qualquer desejo de visitar. E aquele era um deles.

SERIA CAPAZ DE ESCOLHER QUE VIDA SALVAR?

Num futuro próximo, em que os veículos sem condutor já são comuns e considerados muito seguros, um pirata informático apodera-se do sistema operativo de oito carros, altera o destino programado e avisa os seus passageiros de que irão morrer dentro de horas.

A comissão constituída para avaliar acidentes com este tipo de veículos automáticos vê-se agora confrontada com uma missão muito mais difícil: seguindo as instruções do Hacker, terá de entrevistar cada um dos passageiros e decidir qual deles salvar. Câmaras ocultas nos carros asseguram uma transmissão mundial através das redes sociais e permitem acompanhar em direto o terror dos passageiros.

O Hacker parece saber tudo sobre os intervenientes, e, à medida que mais informações são reveladas sobre cada um deles, esta decisão difícil parece tornar-se impossível. Afinal, até que ponto permitimos que as primeiras impressões determinem o que pensamos acerca de alguém?

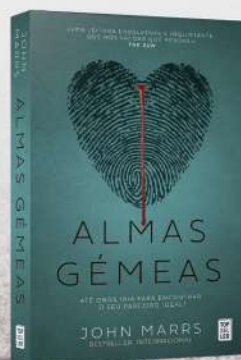
«A escrita de John Marrs
é uma autêntica injeção de adrenalina,
pelo incrível ambiente de tensão que cria
enquanto faz uma crítica dura e credível
à sociedade através desta história
negra e emocionante.»

LA Times

«Todo o enredo é plausível e iminente...
John Marrs tece o seu conto vertiginoso
com uma sátira deliciosa e mordaz.»

The Washington Post

Do mesmo autor:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-564-031-7



9 789895 640317

Literatura Fantástica